Psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento publicado em 18.02.2017

BRINCAR É COISA SÉRIA: A INFÂNCIA E AS SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO

2017

Rita Dambros Hentz
Psicóloga pela PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).
Mestranda em Psicologia Clínica na USP (Universidade de São Paulo).

Luiza Boni
Psicóloga pela PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).
Pós Graduanda em Psicoterapia Cognitivo Comportamental pela PUCRS.

E-mail de contato:
hentzrita@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo propõem uma análise acerca do brincar na primeira infância, tendo como pano de fundo uma experiência de estágio de psicologia escolar em uma escola de educação infantil. Brincar é direito da criança, é forma de expressão, é oportunidade de experienciar o mundo, de conhecer outras realidades, de reproduzir um contexto sociocultural, de resignificar o cotidiano e de elaborar conflitos. A primeira infância é marcada por estágios do desenvolvimento psicológico onde a criança aprende diferentes formas de se relacionar com o universo em que está inserida, as brincadeiras divergem de acordo com a faixa etária, porém, tem em comum a busca pelo prazer que é proporcionada por elas. Ao observar formas de brincar de crianças de dois a cinco anos foi possível investigar o que as brincadeiras revelavam sobre os pequenos, seja um modo de lidar com os próprios sentimentos, seja uma forma de organizar o psiquismo, o brincar tem inestimável valor para que a criança possa compreender o meio em que vive e para que o adulto possa entender o mundo interno da criança, suas fantasias e sua realidade.

Palavras-chave: Brincar, infância, criança

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

"A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se ladrão..."

(Benjamin, 1984, p. 76)

O brincar é visto de maneiras diferentes em cada cultura. Além disso, é uma atividade que passou por transformações ao longo da história da humanidade. Pensando na cultura atual e em uma sociedade em que o brincar é encarado como esperado na infância, ainda surgem questionamentos. Por que as crianças brincam? De que elas brincam? É possível aprender e brincar ao mesmo tempo? O que as brincadeiras dizem sobre cada criança? O que o brincar significa para o desenvolvimento infantil? (Queiroz, Maciel & Branco, 2006).

Durante o estágio de psicologia em uma escola de educação infantil uma das principais atividades desempenhadas foi a observação de turmas. Obviamente, durante as observações, o que mais foi visto foram crianças brincando. Brincando de correr, de esconder, de faz de conta, com ou sem brinquedos, sozinhos ou com os colegas, mas sempre brincando, comportamento absolutamente normal e saudável quando se fala em infância.

Contudo, existem diferenças no brincar, principalmente no que diz respeito às idades dos pequenos. É notável que uma criança de um ano e outra de cinco anos apresentam modalidades de brincadeiras diferentes, uma vez que estão em fases diferentes do desenvolvimento. Quando se observa mais de perto, percebe-se que de um ano para outro, as brincadeiras também se transformam consideravelmente. O brincar vai se estruturando a partir do que a criança é capaz de fazer e pensar em cada idade. Sabe-se também que o brincar se desenvolve principalmente nos primeiros seis anos de vida do que em outra fase do desenvolvimento, ou seja, na educação infantil (Queiroz, Maciel & Branco, 2009).

Portanto, no presente artigo, irá se falar principalmente sobre o brincar dos dois aos quatro anos, fase do desenvolvimento em que as crianças começam a entrar no mundo da fantasia e surgem as famosas brincadeiras de "faz de conta". Através de relatos práticos de observações de crianças, se trará exemplos de brincadeiras e uma análise aprofundada sobre o brincar.

Na sociedade contemporânea o brincar é característica fundamental da infância e permite aos pequenos descobrir-se e desenvolver a criatividade através do recurso lúdico. Além disso, as brincadeiras das crianças são influenciadas pela cultura na qual estão inseridas (Alves & Gnoato, 2003). Por exemplo, é comum ver meninas brincando de salão de beleza cada vez mais cedo. Brincam de fazer penteados e de pintar as unhas já que estão inseridas desde pequenas em uma

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

cultura onde a beleza é supervalorizada. Já os meninos gostam de jogar e de falar sobre futebol, uma vez que vivem em um país em que este esporte é presente no dia a dia.

A brincadeira caracteriza-se como atividade essencial ao desenvolvimento infantil. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, o brincar é visto como um direito, uma forma de expressão particular das crianças. Esta atividade, normalmente, é estimulada pela família desde que nasce o bebê. Constitui uma forma de prazer para a criança, mas também permite e estimula a interação e relação com os pais, colegas, adultos, outras crianças e com o meio ambiente (Queiroz, Maciel & Branco, 2006). O brincar torna possível que a criança se desenvolva, imagine, fantasie, construa regras e resolva conflitos.

Algumas crianças de três e quatro anos brincaram por cerca de um mês quase que diariamente de construir uma garagem para os carrinhos da sala de aula. Começavam tirando os blocos de madeira das gavetas e com eles montavam as vagas de cada carro. Após isto iam estacionando cada carro em sua vaga, um ao lado do outro. Porém, duas crianças desta turma, que não participavam desta brincadeira, eram bastante ativas e muito corpóreas ainda, com a fala menos desenvolvida que a dos outros colegas. As duas queriam brincar com as outras crianças, mas não sabiam como fazê-lo e muitas vezes, na tentativa de participar, derrubavam os blocos no chão e os espalhavam propositalmente, fazendo com que os colegas ficassem bravos e não quisessem que elas participassem da brincadeira.

Com a ajuda de estagiárias de psicologia, as duas crianças foram aos poucos se aproximando dos colegas e da brincadeira da turma e conseguiram nomear para as outras crianças a vontade que sentiam de participar. Pode-se pensar que a brincadeira da garagem de carros tornou-se terapêutica, uma vez que auxiliou os pequenos a desenvolver as relações, a utilizar a criatividade, além de ter sido algo prazeroso para as crianças. Do mesmo modo, as crianças com mais dificuldades de comunicação, conseguiram expressar seus sentimentos de forma mais adequada, melhorando a relação com os outros colegas. Assim, os pequeninos construtores da garagem mostraram que o brincar é uma habilidade que pode ser aprendida e desenvolvida e que possibilita além de diversão, aprendizagem e elaboração de questões internas e externas. Percebe-se então, que o brincar é a linguagem da criança, é sua forma de comunicar o que sente e o que pensa ao mundo, e que as possíveis interpretações de suas brincadeiras devem ser vistas pela lente do contexto de sua vida, do ambiente em que vive e das experiências que teve.

O autor e fundador da Psicanálise, Sigmund Freud, criou teorias sobre o brincar através da observação de crianças. Percebeu que através do brinquedo, a criança encontra uma forma de ser ativa diante das situações. Isso porque quem escolhe a brincadeira é a criança, e é ela quem vai dar um desfecho pra história, de acordo com o seu desejo. Freud (1920) utilizou o exemplo do carretel, brinquedo antigo que seu neto de18 meses brincava sempre em que a mãe saia de casa. Enquanto brincava com o objeto incansavelmente, ele dizia “Fort-da”, que significa “Fora-dentro”. Freud (1920, p. 26) descreve em sua obra:

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

> *O menino tinha um carretel de madeira com um pedaço de cordão amarrado em volta dele. Nunca lhe ocorrera puxá-lo pelo chão atrás de si, por exemplo, nem brincar com o carretel como se fosse um carro. O que ele fazia, era segurar o carretel pelo cordão e com muita perícia arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que aquele desaparecia por entre as cortinas, ao mesmo tempo em que o menino proferia seu expressivo "fort". Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava seu reaparecimento com um alegre "da".*

Interpretou-se, portanto, que diante desta brincadeira, quem controlava o entrar e sair era a própria criança, diferente da realidade externa, em que a mãe partia mesmo contra a vontade do filho. Esse aspecto sobre o brincar foi observado diversas vezes durante o estágio. Uma menina de três anos que sofre demasiadamente cada vez que o pai a deixa na escola e vai trabalhar em suas brincadeiras com as colegas escolhe sempre ser o pai da família. Encontrou através do brincar uma maneira de ser ativa. Além disso, brincando a criança encontra uma possibilidade de elaborar situações que lhe causam insatisfação (Stragliotto, 2008).

Os alunos menores, por volta de um a dois anos, ainda se mostram concretos em suas brincadeiras. São corporais e o pensamento abstrato ainda não faz parte da vida deles. Mordem, colocam objetos na boca, jogam, chutam, etc. Nesta fase do desenvolvimento, descrita por Jean Piaget como Estágio Sensório Motor, que compreende crianças de zero à dois anos, o mundo vai sendo aos poucos experimentado por meio de ações como sugar, morder, agarrar, bater, a criança então vai compreendendo o universo em que está inserida. Com o passar do tempo, a partir da interação com o outro é que os pequenos vão desenvolvendo-se e diferenciando a fantasia do real.

E é observando-os brincar que é possível perceber a entrada, que ocorre aos poucos, no mundo da fantasia. Jean Piaget descreve o estágio dos dois aos sete anos de idade como Pré-operatório, nesta fase a linguagem passa a se desenvolver rapidamente e a criança já possui uma inteligência simbólica. Ao lado da linguagem, a criança pequena - menos socializada que a de 7-8 anos e sobretudo que o próprio adulto - tem necessidade de outro sistema de significantes, mais individual e mais motivado: os símbolos, cujas formas mais correntes na criança pequena se encontram no jogo simbólico ou de imaginação (Piaget, 1999). No encontro com as crianças vimos que por volta dos dois a três anos elas começam aos poucos a brincar de "mamãe e filhinha", "super-heróis", "padaria"... A areia torna-se farinha, a colega torna-se a filhinha, um papel vira um avião e o lápis um microfone. E são nesses pequenos momentos que se percebe o desenvolvimento do pensamento das crianças. Observa-se que se rompe com a relação de subordinação ao objeto e atribui-se um novo significado expressando seu caráter ativo (Queiroz, Maciel e Branco, 2006).

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

É importante ressaltar que o tempo é singular para cada criança. Alguns desenvolvem capacidades antes que outros e isso é absolutamente normal. Nem todos os alunos de três anos serão capazes de brincar de "faz de conta", assim como podem, por vezes mostrar comportamentos mais regressivos, mordendo, por exemplo. Isso ocorre porque estão em uma fase de transição que ocasionalmente os confunde e os faz agir de maneiras diferentes diante das situações. O principal meio de expressão das crianças são suas ações e brincadeiras. O simbólico é utilizado como forma de representação do mundo interno.

Um menino tímido de quatro anos brinca com uma tartaruga de pelúcia, ele esconde a cabeça da tartaruga embaixo do casco e a retira, esconde e retira... No momento em que a estagiária de psicologia se aproxima dele o menino espontaneamente diz que só ele pode tocar e fazer carinho na tartaruga. Lhe é perguntado por que a tartaruga esconde a cabeça embaixo do casco e ele diz que "ela tem medo das pessoas".

No contexto desta brincadeira e pensando nas características do menino, é possível pensar que a criança fala de si quando brinca com a tartaruga, o esconder e retirar a cabeça embaixo do casco pode estar expressando sua tentativa de entrar em contato com o outro, apesar do seu "medo das pessoas". Esconder e revelar a cabeça da tartaruga é sua forma de escolher quando quer ou não o contato, assim como quando delimita quem pode ou não tocar na tartaruga, dando limites às suas relações.

Uma menina de quatro anos cujo pai é bastante rígido, e que costuma castigá-la mandando-a sentar-se e desenhar, mostra dificuldade de seguir as combinações do horário da hora do jantar na escola. Sempre que a hora da última refeição do dia se aproxima a menina senta-se, nega-se a sair da sala de aula e começa a organizar os lápis de cor e a desenhar.

O brincar de desenhar neste caso passa a ter a função de organizador do psiquismo da criança para que ela consiga se preparar para a hora da saída, em que o pai lhe busca na escola, o que ocorre logo após o jantar. Este exemplo torna explícito o valor do brincar como forma de elaboração, o desenho como algo terapêutico para a criança e a importância de conhecer a história prévia e atual da mesma para que seja possível entender o significado de suas brincadeiras. Brincar é uma atividade prática, na qual as crianças constroem e transformam seu mundo, conjuntamente, renegociando e redefinindo a realidade. Assim, o brincar compreende uma construção da realidade, a produção de um mundo e a transformação do tempo e do lugar em que ele pode acontecer (De Conti e Sperb, 2001).

No brincar, as crianças criam e imaginam de acordo com o mundo ideal delas. É na infância que é esperado que se crie um equilíbrio e uma diferença entre o mundo da fantasia e o mundo real, identificando o que é brincadeira e o que é realidade (Stragliotto, 2008). Porém, este processo não é nada fácil. Durante essa construção, as crianças mostram-se, por vezes, extremamente

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

angustiadas. Crianças por volta dos três anos, constantemente querem saber se monstros existem de verdade.

Durante uma manhã, observando alguns alunos de dois anos, eles resolvem brincar de levar animais para a floresta. Já são capazes de "fazer de conta" que há uma floresta dentro da própria sala de aula. De repente, lembram que na floresta tem lobo mau. No decorrer da brincadeira, outros colegas começam a se aproximar e interessar-se. Começam a brincar de matar o lobo mau, chutar e pisar. Afirmam que não tem medo do lobo e fantasiam que existem vários lobos maus na floresta. Algumas crianças começam a ficar com medo de verdade, param de brincar e correm para perto de um adulto. Ao mesmo tempo em que se divertem, se veem confusos diante da duvida sobre o que é realidade e o que é fantasia.

As brincadeiras mostram-se como uma oportunidade de expressar não só as fantasias, mas também os sentimentos, como os temores, os prazeres e a agressividade (Stragliotto, 2008). Na brincadeira descrita anteriormente ficou claro o medo do lobo mau, o prazer de brincar e a agressividade ao chutar e pisar no lobo mau.

Qualquer atividade pode tornar-se propícia para brincar quando se é criança. Brincam quando comem, brincam nas atividades rotineiras e brincam na hora de dormir. E é por isso que, mesmo em culturas distintas, o brincar se fará presente na realidade infantil. Os benefícios de brincar são inesgotáveis. É neste sentido que se pode concluir que uma criança que brinca demonstra saúde emocional e que o brincar é sempre positivo. Entretanto, não basta apenas saber a teoria, é essencial que haja um encontro atento e contínuo do estagiário de psicologia com a criança para que possa-se adentrar o mundo dos pequenos, enxergando o brincar como forma de compreender a realidade interna e externa de cada criança.

"*Privar uma criança de brincar significa privá-la do prazer de viver*"

(Françoise Dolto, 1999)

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Benjamin, W. (1984). *Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus.

De Conti, L.; Sperb, T. M. (2001) *O Brinquedo de Pré-Escolares: Um Espaço de Ressignificação Cultural*.

Queiroz, N. L. N. D.; Maciel, D. A. & Branco, A. U. B. (2009). Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. Ribeirão Preto: *Paideia, 16*(34), 169-179.

Dolto, F. (1999). *As etapas decisivas da infância*. São Paulo: Martins Fontes.

Freud (1920/1989). Além do princípio do prazer. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: *Imago, 18*.

Piaget, J. (1999). Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Silva, L. S. P.; Guimarães, A. B.; Vieira, C. E; Frank, L. N. S. & Hippert, M. I. S. (2005). O brincar como portador de significados e práticas sociais. Niterói: *Rev. Dep. Psicol.UFF 17* (2).

Straglioto, C. E. B. (2008). Pensando sobre o Brincar. Porto Alegre: *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade, 5*, 180-187.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt